

15 CIDADES



Paulo H. Carvalho/CB/DA Press

FAMÍLIA REUNIDA

Poliana e Jorge deixaram a vida nas ruas e a dependência das drogas para recuperar a chance de criar as filhas. Hoje, não perdem as vacinas e voltaram a estudar. É o que conta a segunda reportagem da série sobre os direitos da infância.

PÁGINA 18

BRASÍLIA, SEGUNDA-FEIRA, 22 DE DEZEMBRO DE 2008
 Editor: Marcelo Tokarski
 marcelotokarski.df@diariosassociados.com.br
 Subeditores: Cibelle Colmanetti, Gustavo Cunha,
 Luís Osvaldo Grossmann e Márcia Delgado
 Coordenador: Roberto Fonseca
 robertofonseca.df@diariosassociados.com.br
 cidades@correioweb.com.br
 Tels.: 3214-1180 • 3214-1181
 Fax: 3214-1185

CHUVAS

Constantes nesta época do ano, temporais levam risco a milhares de brasilienses que vivem em locais ameaçados por erosões e enxurradas. Todas as casas foram erguidas em terrenos ocupados ilegalmente

Alerta em 12 áreas

GIZELLA RODRIGUES
 DA EQUIPE DO CORREIO

Qualquer nuvem no céu é sinal de alerta para a família de Nyedja Patrícia Medeiros, 25 anos. A dona-de-casa mora na chácara Cachoeirinha, em Ceilândia, com o marido e o filho Gustavo, de 4 anos. A casa tem boa estrutura, é de alvenaria e foi construída com material resistente. Mesmo assim, a mulher fica apavorada quando os meteorologistas prevêem chuvas. E as paredes da casa provam que ela tem razão ao sentir medo: a cada temporal, a água invade a garagem. A força da enxurrada é tão grande que Nyedja é obrigada a fazer buracos na parede para escoar a água e manter a casa de pé.

Nyedja é um dos milhares de brasilienses que vivem em áreas consideradas de risco pela Defesa Civil. No início do mês, uma chuva forte inundou todo o condomínio. A vizinha dela ficou ilhada pela enxurrada que abriu uma enorme erosão na beirada de sua casa. Devido ao risco de desabamento, a mulher precisou deixar o lar e o barraco acabou demolido. Nesse mesmo dia, Nyedja abriu mais quatro buracos na parede para tentar impedir que a casa fosse inundada. Precisou contar com a solidariedade dos vizinhos. “Meu marido não estava em casa e eu fiquei até sem forças. A chuva começou muito forte e, em meia hora, estava tudo alagado”, lembra.

A Cachoeirinha é uma das 12 regiões de risco do DF, segundo o último levantamento da Defesa Civil (veja no mapa). Também fazem parte da lista as Vilas Cauhy, no Guará, e a Matadouro, no Riacho Fundo. Outras sete estão em Ceilândia — os condomínios Pôr-do-Sol, Privê e Sonho Verde, a Vila Madureira e as chácaras Pantanal, 97, além da Cachoeirinha — e duas em Sobradinho — a Vila Rabello II e as comunidades Alto Boa Vista e Queima Lençol. Na Estrutural, a Defesa Civil contabiliza 93 pontos de risco, o que inclui acúmulo de lixo nas ruas, esgoto a céu aberto e a presença de erosões.

Todas as áreas perigosas são invasões de terras. A Cachoeirinha, por exemplo, é uma das antigas chácaras do Setor P Norte que foram parceladas irregularmente. No lugar de plantações de alface, tomate ou morango, surgiram casas e barracos erguidos com estrutura precária em um local que não tem qualquer infra-estrutura. “Toda invasão é potencialmente uma área de risco. As terras foram ocupadas sem nenhum estudo ambiental e sem estrutura, como sistema de drenagem pluvial. Além disso, ninguém contratou

engenheiro ou arquiteto para erguer as casas”, ressalta o chefe do Núcleo de Vistorias da Defesa Civil, major Toni Monteiro Belinho.

A chácara onde Nyedja mora fica abaixo da EQNP 11 / 15, uma quadra regular que tem sistema de drenagem de águas pluviais. Mas a rede não comporta mais a expansão da cidade e não consegue absorver toda a chuva. Assim, a água escorre para o parcelamento. A violência da enxurrada é impressionante. A água leva lixo, terra, placas de concreto, tudo que encontra pela frente. “O barulho é igual ao de mar”, conta Eva Dantas da Silva, 46 anos, que também mora em Cachoeirinha.

Além disso, quando a chuva escorre para a parte mais baixa da chácara, onde passa um córrego, forma grandes buracos pelo caminho. Atualmente, duas erosões ameaçam “engolir” as casas. E elas se aproximam das construções a cada tempestade. Na casa de Nyedja, por exemplo, uma das paredes está rachada, evidenciando o risco de desabamento. No ano passado, durante uma chuva forte, o filho de Eva, na época com 8 anos, foi arrastado pela correnteza e por pouco não caiu na erosão. “Se ele estivesse sozinho, teria morrido. Meu genro se jogou na água e conseguiu pegá-lo porque ele ficou preso em algum galho. Se ele tivesse caído no buraco, já era”, conta.

Sem sono

Até o fim de fevereiro, quem mora nessas áreas deve perder o sono com medo dos temporais. Desde o começo do ano, a Defesa Civil notificou 287 famílias que vivem em locais com perigo de alagamento, desmoronamento ou destelhamento. Essas pessoas devem deixar as casas para preservar suas vidas. A Defesa Civil faz um constante monitoramento das regiões vulneráveis e só entrega a notificação quando o risco de uma tragédia é eminente. “Primeiro a gente tenta minimizar os danos. Mas quando entregamos a notificação estamos dizendo para o pai de família que ele deve sair dali porque o risco é muito alto”, explica o major Toni.

As casas de Nyedja e Eva ainda não foram notificadas e estão em monitoramento. Técnicos da Defesa Civil fazem visitas constantes ao local para verificar se a erosão está crescendo. Apesar do medo, as duas não querem sair. “Do que adianta preservar nossa vida e passar dificuldade em outro lugar? Não tenho para onde ir e nem condições de pagar aluguel”, alega Nyedja. “Eu já me acostumei com a vizinhança. Sou costureira, tenho a minha freguesia”, justifica a vizinha.

GEOGRAFIA DO CAOS

A Defesa Civil identificou 12 áreas de risco no DF. Todos os moradores destes locais correm perigo, mas 287 famílias foram notificadas e devem deixar suas casas porque o risco é classificado como muito alto. Veja quais são os maiores problemas:

Chácara Cachoeirinha (Ceilândia)

Fica abaixo na EQNP 15/11, no P Norte. O sistema de drenagem pluvial não é suficiente para conter a água das chuvas, que correm para as casas. Na época de chuva, elas são alagadas, correndo o risco de deslizar para dentro de erosões causadas pela força das enxurradas

Chácara 97 (Ceilândia)

13 casas estão próximas à erosão, onde pode ocorrer deslizamento de terra e desabamento. As famílias foram notificadas e deverão deixar o local

Chácara Pantanal (Ceilândia)

22 casas em condições precárias que ficavam próximas a uma erosão foram removidas, mas a área ainda é monitorada para não ser novamente invadida

Condomínio Sonho Verde (Ceilândia)

Há dois anos, 126 famílias foram atingidas por uma enchente. A água invadiu todo o condomínio. Foi feito um desvio no curso do ribeirão, mas a região continua em monitoramento

Vila Madureira (Ceilândia)

30 casas estão muito perto de uma voçoroca, causada pelas chuvas. Correm o risco de desabar. Além disso, há acúmulo de lixo nas encostas

Condomínio Pôr-do-Sol (Ceilândia)

Casas próximas à erosão, com risco de deslizamento de terras. Sete barracos foram removidos, mas a área continua sob monitoramento

Condomínio Privê (Ceilândia)

35 casas estão próximas a uma enorme voçoroca e correm o risco de desabar

Estrutural

Toda a vila é considerada de risco. A Defesa Civil contabiliza 93 pontos críticos no local, o que inclui a presença de erosões, o acúmulo de lixo nas ruas, o esgoto que corre a céu aberto e a estrutura precária das casas

Comunidades Alto Boa Vista e Queima Lençol (Sobradinho)

A área é muito aberta e propícia à ocorrência de vendavais, que podem destelhar as casas. Além disso, os morros estão sujeitos a deslizamentos

Vila Rabello II (Sobradinho)

Mais de 100 casas foram construídas em terrenos muito íngremes e há um processo destrutivo das encostas, que estão cheias de lixo. As casas correm o risco de desabar

Fotos: Paulo H. Carvalho/CB/DA Press - 10/12/08



NÃO TENHO PARA ONDE IR E NEM CONDIÇÕES DE PAGAR ALUGUEL

Nyedja Patrícia Medeiros, 25 anos, moradora da chácara Cachoeirinha, em Ceilândia



PLACA ALERTA PARA OS RISCOS NO SETOR P SUL, TAMBÉM EM CEILÂNDIA